

INTRODUÇÃO

O BEZERRO DE OURO, O FETICHISMO DA MERCADORIA E O FETICHISMO DA INDIVIDUALIDADE

A palavra “fetichismo” é usada em português por influência da palavra francesa *fétiche* que significa feitiço. Segundo o dicionário *Aurélio*¹, fetichismo significa “objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto”. Ainda, segundo o mesmo dicionário, fetichismo significa “culto de objetos materiais, considerados como a encarnação de um espírito, ou em ligação com ele, e possuidores de virtude mágica”. Nesse sentido, fetichismo é um fenômeno que tem origem religiosa pois envolve o culto de alguma entidade, o culto de algum deus. É interessante notar que segundo a definição do dicionário trata-se da adoração de um objeto feito pelo homem ou pela natureza.

Uma das mais antigas, se não a mais antiga, referências à ideia de adoração de algo feito pelo ser humano encontra-se no Antigo Testamento, no livro do *Êxodo*. Apresentarei aqui minha interpretação dessa narrativa bíblica, com o intuito de esclarecer e exemplificar alguns aspectos do fenômeno do fetichismo. Segundo a Bíblia, Moisés liderou a libertação do povo hebreu

1 Consulta feita à versão eletrônica desse dicionário, disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aurelio>>. Acesso em: 24 abr. 2004.

da escravidão egípcia. Essa libertação não ocorreu pacificamente, ela deu-se após as “dez pragas” que Moisés teria lançado sobre o povo egípcio. Parece-me plausível, de um ponto de vista materialista, supor que as “dez pragas” sejam uma forma fantasiosa de narrar ações de sabotagem e guerrilha realizadas por um grupo de homens sob o forte comando de Moisés. Vejo a figura de Moisés como a de um líder militar de pulso de ferro, o que poderia ser explicado, ao menos em parte, por ele ter sido educado como filho do faraó, o qual era para os egípcios a máxima autoridade política e religiosa. As “dez pragas” seguem uma ordem crescente de violência, até chegar ao assassinato, na calada da noite, de todos os primogênitos egípcios, o que fez o faraó finalmente ceder e decidir-se por libertar o povo hebreu. O que parece mais possível é que ele tenha decidido por se vingar dos ataques sofridos encurralando Moisés e seu povo às margens do Mar Vermelho. E aquilo que na Bíblia é narrado como o milagre da “abertura” do Mar Vermelho para passagem do povo hebreu e depois o “fechamento” das águas sobre os soldados egípcios pode também ser uma narrativa fantasiosa de alguma cilada que Moisés tenha lhes preparado, o que reforçaria minha hipótese de ser ele um grande líder militar.

Mas a vitória sobre os egípcios foi apenas o começo de uma longa batalha. Moisés tinha pela frente a tarefa de comandar um povo que vivera por bastante tempo sob o regime da escravidão. O mesmo pulso de ferro que ele usara para vencer os egípcios seria necessário para transformar o povo hebreu em um exército, considerando-se que o seu objetivo era conquistar a terra prometida, expulsando os povos que ali viviam. As palavras que Moisés teria ouvido de seu deus no Monte Sinai eram bastante claras nesse sentido:

Guarda o que eu te ordeno hoje; eis que eu lançarei fora diante de ti os amorreus, e os cananeus, e os heteus, e os perizeus, e os heveus e os jebuseus. Guarda-te de fazeres aliança com os moradores da terra aonde hás de entrar; para que não seja por laço no meio de ti. Mas os seus altares derrubareis, e as suas estátuas quebrareis, e os seus bosques cortareis. Porque não te inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; é um Deus zeloso. Para

que não faças aliança com os moradores da terra, e quando eles se prostituírem após os seus deuses, ou sacrificarem aos seus deuses, tu, como convidado deles, comas também dos seus sacrifícios, e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se com os seus deuses, façam que também teus filhos se prostituam com os seus deuses [*Êxodo* 34:11-16]².

Destruir altares e estátuas significa destruir a religião que dava a unidade simbólica dos povos inimigos. Destruir os bosques significava destruir as condições de reprodução material dos povos inimigos. A estratégia militar de Moisés era implacável e radical, e ele só poderia alcançar tal objetivo se o povo hebreu se transformasse em um exército forte e tivesse também uma forte identidade cultural. Era preciso criar disciplina e obediência. Mas isso não era uma tarefa simples e o próprio deus de Moisés reconheceu a resistência manifestada pelo povo hebreu: “tenho visto a este povo, e eis que é povo de dura cerviz”³ (*Êxodo* 32:9).

De início, segundo narra a Bíblia, Moisés teria adotado um sistema de governo pautado na relação direta entre ele e todo o povo, legislando e decidindo sobre cada caso, sobre cada conflito. Depois, por sugestão de seu sogro, diante do crescente volume de problemas, decidiu delegar a um grupo de homens por ele escolhido a tarefa de decidir sobre os casos menores e aplicar as penas que lhes coubessem. Mas ainda assim a situação se mostrava instável, os conflitos internos ao povo comandado por Moisés eram muitos, e certamente essa situação punha em questão o poder político de Moisés, poder este legitimado pela força da espada e da religião, ambas intimamente ligadas.

O acirramento dos conflitos internos provavelmente tinha como uma de suas origens a precariedade das condições materiais de sobrevivência, pois é mencionada na Bíblia a insatisfação generalizada do povo com a

2 Consulta feita à versão eletrônica da Bíblia. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/bibliaworld/biblia/index.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2004.

3 Cerviz – parte posterior do pescoço; nuca. Dobrar a cerviz – submeter-se à autoridade, à escravidão. Consulta ao dicionário *Aurélio*, versão eletrônica disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aurelio>>. Acesso em: 25 abr. 2004.

falta de alimentos. É provável que existissem conflitos pela posse de alimentos e de outros bens materiais, pondo em risco a própria unidade do grupo. Então, Moisés decidiu elaborar um código com leis básicas, Os Dez Mandamentos, como um instrumento de organização das relações sociais, de arbítrio diante dos conflitos e de legitimação das penas a serem aplicadas. Ele subiu ao Monte Sinai para elaborar esse código básico de leis ou, segundo a Bíblia, para receber os mandamentos diretamente da autoridade divina. O primeiro dos mandamentos diz respeito ao monoteísmo, o que faz todo sentido, pois a liderança de Moisés era legitimada por sua posição de representante direto do deus único. Sendo a cultura egípcia antiga uma cultura politeísta, era natural que o politeísmo se fizesse presente entre o povo hebreu, e isso significava uma ameaça ao poder centralizado de Moisés. Estabelecido por lei que haveria um único deus, estava legitimada a centralização do comando em suas mãos.

Mas enquanto Moisés estava no Monte Sinai, elaborando Os Dez Mandamentos, acontecia entre o seu povo algo que iria provar que realmente não era fácil a tarefa que ele tinha diante si. Ele fora avisado que o povo estava cantando, festejando e celebrando diante de um bezerro que fora feito com ouro fundido. Moisés então desce do monte e quando vê o que o povo estava fazendo é tomado de fúria e quebra as tábuas com o registro dos mandamentos. A quebra das tábuas pode ser interpretada como significando que ele se dera conta de que as leis de nada valeriam se o povo não acreditasse que o deus que ditara Os Dez Mandamentos tinha o poder de punir com rigor quem não obedecesse às suas leis. Se, portanto, Moisés pretendia manter o controle de seu povo, sua resposta àquele incidente não poderia ser branda, e de fato não o foi. Depois de quebrar as tábuas com os mandamentos, Moisés destruiu o bezerro de ouro: “e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas, e deu-o a beber aos filhos de Israel” (*Êxodo 32:20*). Essa atitude tinha o efeito de mostrar que Moisés não temia o bezerro de ouro, pois aquilo que os homens haviam feito os próprios homens poderiam destruir. Ao agir dessa forma, ele denunciava que o bezerro de ouro era um fetiche e que sua adoração era um fetichis-

mo. Mas não bastava desafiar o poder do “falso deus”, era preciso mostrar o poder do “verdadeiro deus” e isso deveria ser feito pela espada.

Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: Quem é do Senhor, venha a mim. Então se juntaram a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho. E os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés; e caíram do povo aquele dia uns três mil homens [*Êxodo* 32:26-28].

A crítica de Moisés ao fetichismo não poderia, porém, é claro, ir às últimas consequências, razão pela qual se limitou a condenar a adoração de “falsos deuses”. Nenhuma crítica religiosa ao fetichismo pode ir às últimas consequências, porque para isso teria que admitir que todo deus é uma criação do ser humano. No século XIX, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) deu uma importante contribuição à caracterização do fenômeno do fetichismo, ao mostrar que o deus cristão havia sido criado pelos seres humanos para sintetizar os atributos do próprio gênero humano. Portanto, o ser humano não teria sido criado à imagem e semelhança do deus dos cristãos, mas sim o contrário, o ser humano criou o deus cristão à imagem e semelhança do gênero humano. Para Feuerbach era necessário, portanto, que os seres humanos se libertassem da religião e se reconhecessem como criadores de si mesmos.

Karl Marx (1818-1883), contemporâneo de Feuerbach, compartilhava com este a ideia de que as religiões e os deuses a elas associados são criações do ser humano e que é preciso que o ser humano deixe de se submeter ao domínio daquilo que é por ele criado. Marx, porém, foi além de Feuerbach na crítica ao fetichismo. Para Feuerbach, a crítica à religião libertaria o ser humano, pois o traria dos céus imaginários para a vida terrena, real. Em vez de o ser humano voltar-se para um deus imaginário, deveria reconhecer-se no outro ser humano, reconhecer-se como membro do gênero humano. Embora Marx concordasse com a necessidade da crítica histórico-filosófica